

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 9)

Serra do Pilar, 7 junho 2018

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. **Ámen!**

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome; fica connosco (Lc 24,29).

R. **E desça sobre nós a tua bênção.**

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. **Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito** (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de João (16,29-33)

Disseram os discípulos a Jesus: Agora sim, falas claramente e não por comparações. Agora vemos que sabes tudo e não precisas de que ninguém te faça perguntas. Por isso, cremos que saístes de Deus. Disse-lhes Jesus: Agora acreditais? Mas virá a hora – e já chegou – em que sereis dispersos cada um para seu lado e me deixareis só; mas o Pai estará comigo. Anuncio-vos estas coisas para que, em mim, encontréis a paz. No mundo, tereis tribulações. Mas tende confiança: eu já venci o mundo.

Salmo 30 - Ação de graças depois do perigo

**Tu levantaste, tu reuniste o teu povo;
na Nova Jerusalém, cantaremos sem fim,
cantaremos sem fim!**

Eu te exalto, Senhor, porque me levantaste
e me poupaste ao riso dos meus inimigos;
Senhor, tu curaste-me e tiraste-me dos infernos;
quando já descia à cova, tu deste-me a vida!

Celebrai o Senhor, vós que o amais,
louvai-o pelo seu santo Nome memorável!
A sua cólera dura um instante,
a sua graça é por toda a vida!

Com a noite, chegam as lágrimas,
mas, com a manhã, volta a alegria!
Eu sabia no meu coração:
contigo, "Jamais serei abalado".

Foste bom para mim, Senhor,
deste-me a força da tua segurança;
mas, se me escondes a tua face,
como posso não ficar perturbado?

Chamo por ti, Senhor,
imploro a piedade do meu Deus:
que vantagem tiras da minha morte,
da minha descida à sepultura?

Será que vai louvar-te o pó?
Poderá ele dar notícia de ti?
Ouve-me, Senhor, tem compaixão de mim,
vem em meu auxílio.

E tu mudaste o meu luto em dança
e o meu coração cantará sem fim.

O meu coração te cantará sem cessar;
Senhor, meu Deus, eu te louvarei para sempre!

Glória ao Senhor, que nos enviou o seu Filho
a meter-nos a esperança no coração!
Hossana ao Filho de Deus,
bendito o que vem em nome do Senhor!

Deus fez justiça ao crucificado

Deus não só deu razão a Jesus; fez-lhe também justiça. Não se deixou ficar passivamente e em silêncio perante o que tinham feito com ele; devolveu-lhe, de forma plena, a vida que lhe tinham arrebatado de maneira tão injusta. Os seguidores de Jesus viam na sua ressurreição a admirável resposta de Deus ao abuso que se tinha cometido com ele. O mal tem muito poder, mas somente até à morte. As autoridades judaicas e os prepotentes romanos tinham matado Jesus, mas não o puderam aniquilar. Para além da morte, só tinha poder o insondável amor de Deus. Os carrascos não triunfariam sobre as vítimas.

Mas, por que é que teve Jesus que morrer? Se Deus o amava tanto, por que é que o deixou morrer daquela maneira? Qual a razão de tanta humilhação e de tanto sofrimento? O que é que poderia haver de bom nesse crime cometido contra ele? Os cristãos tiveram que percorrer um longo caminho até encontrarem uma resposta para uma coisa tão escandalosa e injusta. Por volta dos anos 40 ou 42, conseguiram chegar a uma fórmula estranha: "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras". Mas, que tinha a ver a morte de um homem com o conjunto dos pecadores de todos os tempos? A morte põe fim à vida. Como poderia a morte de um salvar os outros?

A ressurreição obrigou os primeiros crentes a pensarem na sua morte a uma nova luz. Tinham acabado de descobrir que, ao morrer, Jesus entrara na "glória" de Deus. Expirara a confiar no Pai e o Pai acolhera-o na sua vida insondável. A morte de Jesus tinha sido uma "morte-ressurreição". Não tinha morrido para cair no vazio do nada, mas para a comunhão plena com Deus. O Pai não o salvara *da* morte, mas sim *na* morte. Pode dizer-se que, ao ressuscitá-lo, o gerou como ao filho mais querido. Os cristãos acharam muito natural aplicar à ressurreição de Jesus um conhecido salmo. "Ressuscitando Jesus", Deus cumpriu o que está escrito no salmo segundo: "Tu és meu filho, Eu gerei-te hoje!". Jesus ressuscitara, gerado por Deus para a vida.

Este Deus que acolheu Jesus no interior da sua morte nunca esteve separado dele. Enquanto agonizava, Deus estava com ele, apoiando-o com o seu amor fiel, sofrendo com ele e nele, identificado totalmente com ele, como pôde verificar na sua ressurreição. O Pai não quis ver sofrer Jesus. Nunca o quis. Como iria querer a aniquilação injusta de um inocente? Como iria querer aquele final tão trágico para o seu filho amado? O que o Pai quis foi que o seu Filho fosse fiel até ao fim, que continuasse a identificar-se com todos os desgraçados do mundo, que continuasse a procurar o reino de Deus e a sua justiça para todos. Nem o Pai procurava a morte ignominiosa de Jesus, nem Jesus lhe oferecia o seu sangue na esperança de lhe ser agradável. Nunca os primeiros cristãos disseram uma coisa dessas. Na crucifixão, Pai e Filho estavam unidos, não na procura de sangue ou destruição, mas enfrentando o mal até às últimas consequências. Aquele sofrimento era mau. Aquela crucifixão era um crime. Só a procuraram as autoridades judaicas e os representantes do Império porque se fecharam ao reino de Deus. Jesus não quis que o matassem. Resistiu a beber aquele "cálice" de sofrimento; aquilo era absurdo e injusto. Mas iria até à morte, se fosse preciso, a fim de ser fiel ao reino de Deus: todos poderiam ficar a saber até onde chegava a sua confiança no Pai e o

seu amor aos homens. Por seu lado, o Pai não queria que matassem o seu Filho amado: era a ofensa mais dolorosa que lhe podiam fazer. Mas, se fosse preciso, permitiria que o sacrificassem, não interviria para destruir os que o crucificassem, continuaria a amar o mundo e revelaria a todos a que extremos insondáveis podia chegar a "loucura do seu amor aos homens".

Admirados, os primeiros cristãos eram isso mesmo que professavam: "Tanto amou Deus o mundo que lhe entregou o seu Filho Unigénito". Na cruz, ninguém estava a oferecer nada a Deus com o intuito de que ele mostrasse um rosto mais benevolente para com a humanidade. Era ele que estava a entregar aquele a quem mais queria: o seu próprio Filho. O seu amor era anterior a tudo. Paulo não tinha nenhuma dúvida: "É assim que Deus demonstra o seu amor para connosco: quando ainda éramos pecadores, é que Cristo morreu por nós". Deus não podia revelar o seu amor de maneira mais inequívoca. Não se deteve nem mesmo diante do que era mais querido. "Ele, que nem sequer poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não havia de nos oferecer tudo juntamente com Ele?". Esse amor de Deus era inaudito. Enquanto o seu Filho agonizava, não fez nada, nem disse nada. Não interveio. Respeitou o que estavam a fazer-lhe. Não escutou o que Jesus lhe pediu, angustiado, no Getsémani. Simplesmente, sofria a morte do seu querido Filho por amor aos homens, que, sem ele, ficariam perdidos para sempre. Foi naquela "crucifixão-ressurreição" que se revelou da maneira mais suprema o amor de Deus. Ninguém o poderia imaginar. Em Jesus "crucificado-ressuscitado", Deus estava connosco, pensava só em nós, sofria como nós, morria por nós.

Aquele silêncio de Deus na cruz, não significava o abandono do crucificado ou cumplicidade alguma com os crucificadores. Deus estava do lado de Jesus. Por isso, ao morrer, encontrou-se ressuscitado nos seus braços. A ressurreição veio demonstrar que Deus estava com o crucificado de uma maneira real, sem intervir contra os seus carrascos, mas assegurando-lhe o seu triunfo final. É

isto o mais grandioso do amor de Deus, que tinha poder para aniquilar o mal, sem destruir os maus. Fazia justiça a Jesus, sem destruir os que o crucificavam. Paulo expressou-o admiravelmente: "Deus reconciliou o mundo consigo, em Cristo, não imputando aos homens os seus pecados". Tudo isso parecia incrível. "A pregação da cruz era uma loucura". Paulo sabia-o bem, pois deparava-se constantemente com a sua rejeição: "Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus. Portanto, o que é tido como loucura de Deus é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus é mais forte que os homens". Naquela cruz, que a nós nos parece uma "loucura", encontrava-se a "sabedoria" suprema de Deus, à procura de um caminho para salvar o mundo. Naquele Cristo crucificado, que a nós nos parece "debilidade" e impotência, encerrava-se a "força" salvadora de Deus. Por isso diziam os cristãos que Cristo tinha morrido pelos nossos pecados "segundo as Escrituras". Na cruz, tinham-se cumprido os desígnios de Deus. "Era necessário" que Cristo padecesse. Com Deus, tinha que ser assim, já que, na sua loucura incrível, ama os seus filhos até ao extremo.

Os primeiros cristãos deitaram mão a diversos modelos para explicarem de alguma maneira a "loucura" da crucifixão. Apresentaram-na como um "sacrifício de expiação", como uma "aliança nova" entre Deus e os homens, selada com o sangue de Jesus. Agradava-lhes descrever a sua morte como a do "servo sofredor", um homem justo e inocente que, segundo o livro de Isaías, carregou com as culpas e pecados de outros para se converter em salvação para eles. É preciso entender bem essa linguagem, pois, em nenhum momento, pretendeu anular ou desfigurar o amor gratuito de Deus, anunciado com tanta força por Jesus.

Deus não exigiu previamente de Jesus sofrimento e destruição, de modo que, satisfeitas as suas honra e justiça, pudesse então

"perdoar" aos homens. Por seu lado, Jesus não tenta influenciar Deus com o seu sofrimento para obter dele uma atitude mais benevolente para com o mundo. Nas primeiras comunidades cristãs, semelhante coisa não passava pela cabeça de ninguém. Se Deus exigisse previamente o sangue de um inocente para salvar a humanidade, a imagem que Jesus dava do Pai seria totalmente desmentida. Deus seria um ser "justiceiro" que não sabia perdoar gratuitamente, um credor implacável que não salvava ninguém que, antes, não liquidasse a dívida que contraíra com ele. Se Deus fosse assim, quem é que o poderia amar com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças? O melhor que se poderia fazer diante de um Deus tão rigoroso e ameaçador seria agir com cuidado e defender-se dele, mantendo-o satisfeito com toda a classe de ritos e sacrifícios.

Deus também não aparece descarregando a sua ira sobre Jesus. Em nenhum momento o Pai o tornou responsável por pecados que não cometeu. Não considerou o seu Filho como um "substituto" de pecadores. Como é que um Deus justo ia imputar a Jesus os pecados que não tinha cometido? Jesus era inocente. O pecado não entrara no seu coração. Na cruz, não estava a sofrer nenhum castigo de Deus. Estava a padecer a rejeição de quem se opunha ao seu reino. Não era vítima do Pai, mas de Caifás e de Pilatos. Jesus aceitou o sofrimento que lhe causavam, injustamente, os homens e o Pai aceitou o sofrimento que padecia o seu querido Filho. Assim diz um escrito atribuído a Pedro: "Ele não cometeu pecado..., ao ser insultado, não respondia com insultos; ao ser maltratado, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga com justiça. Subindo ao madeiro, Ele levou os nossos pecados no seu corpo".

O que deu valor redentor ao suplício da cruz foi o amor e não o sofrimento. O que salvou a humanidade não foi nenhum "misterioso" poder salvador contido no sangue derramado perante Deus. Por si mesmo, o sofrimento é mau, não tem nenhuma força redentora. A Deus não lhe agradava ver Jesus sofrer. A única coisa que no Calvário salvava era o amor insondável de Deus, incarnado

no sofrimento e na morte do seu Filho. Não existe nenhuma outra força salvadora fora do amor.

O sofrimento continuava a ser mau, mas, precisamente por isso, convertia-se na experiência humana mais sólida e real para viver e exprimir o amor. Por isso, os primeiros cristãos viram em Jesus crucificado a expressão mais realista e extrema do amor incondicional de Deus para com a humanidade, o sinal misterioso e insondável dos seus perdão, compaixão e ternura redentora. Só o amor incrível de Deus podia explicar o que tinha acontecido na cruz. Só à sombra luminosa da cruz pôde surgir a transcendente e maravilhosa afirmação cristã: "Deus é amor". Era essa também a intuição de Paulo, quando escrevia comovido: "A vida que agora tenho na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim".

(José Antonio Pagola — *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 456-460)

Oração final

De ti, pelo teu Verbo que baixou ao mundo
e pelo Espírito que nos santifica
e nos torna Templos de Deus,
recebemos, ó Pai, a Vida.
Que a força que de ti nos veio
esteja em nossos corações,
a fim de que, com coragem e desassombro,
com alegria e simplicidade,
testemunhemos o Evangelho da Vida.
Pelos mesmos Jesus, teu Filho e nosso Irmão,
e pelo Espírito Santo.

Ámen!